

Cotemporalidade prazer/desprazer nas memórias de professoras de História

Claudio R. A. Scherer Jr.¹

Resumo: Esta pesquisa está circunscrita às áreas da Educação, da História e do Ensino de História. Nesse âmbito, focaliza as narrativas acerca da vida profissional de duas professoras de História, às quais realizaram sua formação acadêmica nos anos 2000 e atuam, profissionalmente, desde 2010, em Florianópolis (SC). As entrevistas com as professoras foram gravadas e transcritas segundo as metodologias da História Oral, tal como indicado por Alberti (2004) e Portelli (2016); e as narrativas construídas foram analisadas pelos pressupostos da pesquisa biográfica, conforme indica Delory-Momberger (2008). A questão norteadora foi compreender, por meio das memórias, as formas temporais identificadas nas narrativas das professoras entrevistadas que possibilitaram entender a vida profissional de professora de História que, em meio ao atual contexto aceleratório, habita e anseia temporalidades menos aceleradas. As diferentes formas temporais são compreendidas à luz dos aportes teóricos de Turin (2019) e Rosa (2019), ambos tratam sobre a existência da aceleração social neoliberal no mundo contemporâneo, direcionam para a constatação dessa aceleração e de uma possível politização linguística em meio à rede semântica neoliberal que naturaliza e incorpora conceitos de uma (des)temporalização alienante e patológica. Dentre os resultados da pesquisa destaca-se a constatação de diversas formas de temporalidades nas construções narrativas das entrevistadas, o que reverbera em diferentes modos de ser e de estar professora de História. O objetivo é analisar e interpretar memórias narradas como momentos de prazer, de satisfação por aquilo que se faz e de despreazer, em situações conflituosas e desafiadoras vivenciadas ao longo da carreira. Existe uma lógica de rememoração que anuncia momentos antagônicos vivenciados e apropriados por ambas as professoras que aparecem de forma contígua em suas construções narrativas. Para compreender esse aspecto a noção de cotemporalidade (TURIN, 2019), isto é, a concordância de múltiplos tempos, auxilia a pensar que diferentes experiências, mesmo sendo elas antagônicas, podem ser rememoradas num mesmo espaço/lugar/momento, numa mesma memória, numa mesma representação. Em uma aparente unicidade temporal há memórias antagônicas de prazer e despreazer sobre sua atuação profissional. As professoras entrevistadas expressavam numa mesma razão narrativa satisfação com seu trabalho e também situações ou compreensões que poderiam indicar o contrário. As memórias eram construídas numa temporalidade aparentemente única, mas habitando em tempos diferentes, uma cotemporalidade de prazer/desprazer nas representações sobre sua atuação como professoras de História. Como conclusão, pode-se afirmar que essa cotemporalidade prazer/desprazer teria um efeito justificativo, operando como uma forma de representar as condições de trabalho e justificar as escolhas profissionais das professoras entrevistadas.

Palavras-chave: Professor de História; Memória; Tempo; Narrativa.

Introdução

¹Doutor em Educação, professor de História, servidor público na FCEE/SC. Pesquisa realizada com bolsa de estudo UNIEDU/FUMDES/SED-SC.

Este texto foi concebido com base em entrevistas com duas professoras de História, Mariana Ouriques e Fabiolla Falconi Vieira.² Suas memórias e representações a respeito da vida e trabalho auxiliou a iluminar parcela de realidade dessa categoria profissional com formação em História na primeira década dos anos 2000 e atuação profissional a partir da segunda década, ou seja, em contexto de intensificação da aceleração social (ROSA, 2019) e a forma como essa temporalidade acelerada reverbera em suas vidas como professoras de História.

À guisa de situar as motivações das escolhas dos indivíduos para esta pesquisa, me aproprio das justificativas de Ginzburg (1987), que buscou reconstruir e interpretar a vida de um moleiro perseguido na inquisição para compreender a circularidade de ideias do período em questão. Para Ginzburg (1987, p. 27): “Alguns estudos biográficos mostraram que um indivíduo medíocre, destituído de interesse por si mesmo – e justamente por isso representativo – pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico”. Essa afirmação sintetiza o impulso de compreender determinada realidade com auxílio das representações de indivíduos que não possuem a preocupação de registrar ou problematizar os aspectos escolhidos para esta investigação. Alguns indivíduos são escolhidos pela oportunidade de fontes disponíveis, outros pela representatividade que podem dar a conhecer e problematizar.

As professoras escolhidas para essa pesquisa concentram em si uma série de apropriações do mundo ao seu redor, suas histórias rememoradas e reconstruídas pela oralidade possibilitam compreender quem elas dão a entender que foram e são, indivíduos em sua relação com a profissão de professoras de História.

Para equilibrar a vontade de pesquisa, a necessidade investigativa e o tempo exequível, decidi trabalhar com duas professoras de História. A primeira escolha foi pela professora Mariana Ouriques, 38 anos, natural de Florianópolis, onde cursou a graduação em História (bacharelado e licenciatura) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) entre os anos de 2007 e 2011. Mariana iniciou a docência em 2012, atuando na rede pública de ensino do município de Florianópolis e em escolas estaduais, sempre como ACT (admitido em caráter temporário), ou seja, professores que a cada ano, ou no máximo a cada dois anos, precisam fazer novo processo seletivo para continuar atuando, nunca tendo certeza de onde vai trabalhar, nem se vai conseguir alguma vaga. Em 2020 a professora Mariana concluiu o

² Este artigo é fruto de minha pesquisa de doutorado em Educação. Especificamente, é uma construção feita de um recorte do terceiro capítulo.

Mestrado do Profhistória na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), um Mestrado Profissional em Ensino de História oferecido em âmbito nacional apenas para docentes de História³. Já trabalhou com Ensino Fundamental, Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA) e se considera: “Uma professora que busca através da sua disciplina que seus alunos saibam conviver de forma respeitosa com o outro, entendendo as diferenças e que percebam a sociedade de uma forma crítica e consciente.” (Fonte: questionário preliminar).⁴ Conheci a professora Mariana ainda na graduação, quando cursamos algumas disciplinas juntos. Além disso, era uma pessoa que sempre cruzava comigo nas escolhas de vagas para professores temporários.

A professora Fabiolla Falconi Vieira foi minha outra escolha, tem 32 anos, é natural de Florianópolis e estudou História na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) entre os anos de 2006 e 2010, ano que iniciou a carreira docente. Foi professora ACT de 2010 à 2019, vindo a se efetivar no quadro do magistério do Estado de Santa Catarina em 2020. Além da docência em História, Fabiolla trabalhou com ensino de Filosofia, Informática, Sociologia e Metodologia de Ensino de História para turmas do magistério. Entre os anos de 2017 e 2020 foi bolsista de tutoria de Ensino a Distância no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), onde também orientou Trabalhos de Conclusão de Curso. Foi no IFSC que conheci Fabiolla, quando trabalhamos no mesmo local, mas em cursos diferentes. Fez Mestrado em Ensino de História pelo Profhistória na UFSC, concluído em 2016, seu trabalho recebeu o Prêmio Profhistória de Melhor Dissertação em 2018. Atualmente é doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da UDESC. Se considera uma professora “atuante na luta pela educação pública e de qualidade, e uma professora que busca refletir sempre sobre sua prática e ensinar aos alunos a pensar e refletir historicamente.” (Fonte: questionário preliminar).

As entrevistas com as professoras foram concebidas e construídas com os pressupostos da História Oral, que segundo Alberti (2004, p. 18) é:

Um método de pesquisa [...] que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da História Oral produz fontes de consulta (as entrevistas) [...]. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou

3 Informações disponíveis em <https://profhistoria.ufrj.br/> Acesso em 27 de out. de 2020.

4 Link de acesso ao questionário preliminar: <https://forms.gle/Ym2zHCAWWnwZJxBp7> Acesso em 27 de out. de 2020.

os testemunharam.

As entrevistas produzem fontes complexas, pois, são construídas numa interação única, ou seja, irrepetível. Segundo Portelli (1997b, p. 27. Grifo meu): “Aquilo que *criamos* é um texto dialógico de múltiplas interpretações: as muitas interpretações dos entrevistados, nossas interpretações e as interpretações dos leitores.” Portelli (1997b) aponta que o resultado desse ato dialógico é um texto de interpretações multifacetadas e utiliza o verbo na primeira pessoa do plural: “criamos”, ou seja, ele se coloca como um dos produtores da fonte, o que indica a inseparabilidade entre o pesquisador e o entrevistado nessa construção que acaba por ser uma construção entre pelo menos dois indivíduos. “Uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma parte não pode realmente ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca.” (PORTELLI, 1997a, p. 9). É preciso uma entrega mútua, ambos os envolvidos, pesquisador e entrevistadas, se colocam numa posição de autoconhecimento e conhecimento um do outro.

Para além da História Oral, também foram mobilizados os conceitos teóricos metodológicos atreladas à Pesquisa Biográfica aos moldes do exposto por Delory-Momberger (2012, p. 524. Grifo meu).

O objeto da pesquisa biográfica é explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência. [...] Nessa interface do individual e do social – que só existem um por meio do outro, que estão num processo incessante de produção recíproca – o espaço da pesquisa biográfica consistiria então em perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e em *estudar as formas construídas que ele dá à sua experiência*.

A autora denomina de “biografização” essa produção de si feita pelos indivíduos. “Denominaremos biografização o conjunto das operações e dos comportamentos pelos quais os indivíduos trabalham para se dar uma forma própria na qual eles se reconhecem a si mesmos e se fazem reconhecer pelos outros.” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 139).” E, para coadunar as ideias, a temporalidade foi escolhida como um modo de conceber as representações das professoras entrevistadas. O conceito de tempo é central nesta pesquisa. Esse conceito não estava presente no início, foi somente após as entrevistas, durante a revisão das transcrições que a questão do tempo, ou a luta com Chronos (como foi chamado desde o começo), foi escolhida como um eixo principal para análise. Com isso seria possível perceber e analisar os desafios e aspectos temporais atrelados a vida e a profissão das professoras de

História. Foi a partir das ideias de Turin (2016) que a questão do tempo foi articulada para este trabalho, o que, por fim, auxiliou no enlaçamento das ideias.

Turin (2016, p. 598. Grifo meu) afirma que: “o tempo não é nada mais do que a *forma interna de processos e experiências*.” Isso possibilita pensar as questões temporais para além de percepções cronológicas. O tempo passa a ser uma alternativa de compreensão da experiência e da vida, do agir e pensar do indivíduo, passa a possuir forma. Essa compreensão ampla de tempo possibilita perceber algumas formas temporais presentes nas narrativas das professoras entrevistadas. As memórias, ordenadas sob uma razão narrativa, carregam a possibilidade de compreensão de determinados momentos da vida das professoras de História que são representativos de sua profissão ao longo da última década. O tempo, portanto, é entendido como uma lógica de pensar os processos e as experiências narradas nas memórias das professoras, essas seriam as formas temporais. Três formas temporais ganharam destaque na pesquisa completa, mas para este artigo apenas a cotemporalidade será problematizada.

Este artigo analisa e interpreta memórias narradas como momentos de prazer, de satisfação por aquilo que se faz e de desprazer, contando situações conflituosas e desafiadoras vivenciadas ao longo da carreira. É curioso constatar que existe uma lógica de rememoração que anuncia momentos antagônicos vivenciados e apropriados por ambas as professoras que aparecem de forma contíguas em suas construções narrativas. Para compreender esse aspecto a noção de cotemporalidade (TURIN, 2019), isto é, a concordância de múltiplos tempos, auxilia a pensar que diferentes experiências, mesmo sendo elas antagônicas, podem ser rememoradas num mesmo espaço/lugar/momento, numa mesma memória, numa mesma representação.

Cotemporalidade

Tempo pode parecer algo trivial, afinal todos lidamos e vivenciamos cotidianamente com aspectos da temporalidade, isso de modo consciente ou não. Mas, se por um momento pararmos e pensarmos sobre o assunto, perceberemos que é difícil definir o que é tempo. De antemão, gostaria de apresentar o conceito de tempo como sendo uma forma de compreensão da vida, ou seja, tempo e vida são modos de compreender o mesmo assunto por vias diferentes. Mas afinal, o que é o tempo?

O teólogo e filósofo Agostinho de Hipona, mais conhecido por Santo Agostinho, apresentou um questionamento interessante sobre o assunto: “O que é o tempo? Se não me

perguntam, eu o sei; mas, caso tente respondê-lo, não sei mais.” (AGOSTINHO [Augustinus], 1982, cap. XI, p. 14 apud ROSA, 2019, p. 7). Essa reflexão auxilia a pensar como o tempo pode ser algo mais complexo do que se pode pensar num primeiro momento e como podem haver mais de uma resposta para essa questão.

O tempo é, portanto, ao mesmo tempo, privado e íntimo – *como quero utilizar meu tempo?* É a versão temporal da questão ética *como quero viver?* – e completamente determinado socialmente: os ritmos, sequências, duração e velocidade do tempo social, assim como os horizontes e perspectivas temporais se furtam ao controle individual quase absolutamente. Ao mesmo tempo desenvolve-se claramente um efeito normativo, ou seja, coordenador e regulador de ações: infrações contra as normas do tempo são punidas, especialmente na sociedade moderna, com sanções severas – ignorar prazos e *deadlines*, bem como imperativos de velocidade, leva hoje, mais do que nunca, à *exclusão social*. Esse é o motivo pelo qual o tempo se apresenta como o verdadeiro modo de vinculação entre imperativos estruturais e orientações culturais, esclarecendo, assim, como podem ser satisfeitos, ao mesmo tempo, tanto os requisitos de autonomia individual ética quanto a coordenação social máxima das ações. (ROSA, 2019, p. 625. Grifos do autor).

O tempo é, simultaneamente, individual e social, ou seja, o tempo pode ser mais do que uma coisa só. Como algo determinado socialmente, é ampla a compreensão sobre o tema, mas se o levarmos em conta como algo privado e íntimo, pode ser tão plural quanto a pluralidade dos indivíduos. A relação com o tempo em nosso cotidiano quase sempre está atrelada ao relógio, nesse sentido o tempo é o contar da passagem das horas ao longo do dia. Essa conceituação possível sobre o tempo do relógio é percebida como um marca-passo, cada segundo, cada momento da vida controlado pelo imperativo das horas do dia, decisões simples como o momento de se alimentar são condicionadas pelas horas do relógio e não pela fome.

Relógios representam instrumentos de controle por excelência, pois rompem os *ritmos internos* dos homens, ditados pela natureza ou pelo costume; nesse sentido, eles são uma pré-condição para o desencadeamento da moderna dinâmica de aceleração e crescimento, o que levou Lewis Mumford à sua conhecida constatação de que *o relógio*, e não a *máquina a vapor*, seria a máquina-chave da era industrial. (MUMFORD, 1934, p. 14 apud ROSA, 2019, p. 334. Grifos do autor).

O tempo do relógio ampliado ao nível mundial com os fusos horários colabora para a percepção de uma unicidade entorno dessa questão. Essa forma de controle do tempo, construção histórica, limita e possibilita certa sincronicidade em nível mundial dessa

temporalidade controlada. Porém, tempo pode ser compreendido para muito além do passar das horas do relógio. Dia e noite, semanas, meses, anos, décadas, séculos, eras, época de secas e chuvas, verão e inverno, época do plantio e da colheita, a construção de uma casa, de uma mesa, a gestação de uma criança, todas essas construções e constatações sensoriais, podem ser compreensões temporais. A época da dentição, dos primeiros passos, do início da fala, de ir para a escola, de trabalhar, de casar, ter filhos, ter netos, se aposentar, a velhice, a morte. Todas essas etapas estão inseridas numa compreensão sobre o tempo. Essas séries de eventos, seja de fenômenos da natureza, trabalho ou etapas da vida não são, necessariamente, apropriadas com a mesma temporalidade. Em culturas diferentes, ou mesmo em classes e em gerações diferentes essas constatações podem variar ou nem mesmo existirem. Mesmo uma noção aparentemente simples como a de “agora” pode variar de indivíduo para indivíduo, em diferentes contextos, épocas e lugares.

“Nem todos estão no mesmo agora. Estão presentes apenas em aparência, na medida em que podemos vê-los hoje. Mas nem por isso vivem simultaneamente aos demais.” Com essas palavras Ernst Bloch (2017, p. 82) abria o ensaio sobre a não contemporaneidade, publicado em 1935 no livro *Erbschaft dieser Zeit* (Herança deste tempo), durante o exílio na Suíça. Com a noção de “não contemporaneidade”, ele interrogava as diferentes camadas temporais que compunham o presente “deste tempo” (*dieser Zeit*), que era o seu. (TURIN, 2019, p. 5, 6).

Essa ideia de “não contemporaneidade” do presente para apresentar as diferentes camadas temporais, como pode ser visto na citação anterior, não é nenhuma novidade, o filósofo Ernst Bloch já se questionava a esse respeito em 1935. Mesmo que, na atualidade, o contexto das atuais tecnologias de informação e comunicação passem a sensação de que tudo se passa instantaneamente, “[...] na internet, produtos continuam, incessantemente, a ser desenvolvidos, transações financeiras a ser efetuadas, ofertas de educação continuada a ser requeridas etc., de forma que a *world wide web* gera a impressão de que *tudo se passa, em toda parte, simultaneamente.*” (ROSA, 2019, p. 385. Grifos do autor). As camadas temporais, para utilizar a terminologia do filósofo alemão, ainda são uma percepção possível sobre o presente.

Uma diferenciação ou pluralização do presente em diferentes âmbitos de valor, função e ação e, com isso, a introdução da ideia da *não contemporaneidade do contemporâneo*: o que ainda vale em um espaço geográfico ou social, em outro já perdeu sua validade; o que aqui já foi realizado, lá ainda está no horizonte do futuro. (ROSA, 2019, p. 150. Grifo

do autor).

Essa definição de Rosa (2019) auxilia a perceber e compreender as diversas temporalidades que habitam o agora. O tempo para as compreensões desta pesquisa não está desvinculado de uma compreensão estrutural da sociedade, ou seja, de um plano macrossocial. Mas também, e principalmente, configura em perceber formas temporais presentes nas vidas das professoras de História: Mariana e Fabiolla, que auxiliem a análise e as possíveis interpretações de suas representações memorialísticas narradas durante as entrevistas.

Mesmo sendo tempo o conceito coadunante das intenções desta pesquisa, as temporalidades não aparecem de forma direta nas fontes, nem foram feitas inquirições objetivas sobre aspectos temporais de suas vidas relacionadas à História. O tempo sempre se faz presente, mesmo quando não parece estar. Turin (2016, p. 599) aponta essa constatação e indica possibilidades e limites: “Se não podemos falar do tempo senão falando de outra coisa, é importante não esquecermos do que estamos falando, e como. Ou, ainda, para poder falar das diferentes formas do tempo, temos que considerar também as possibilidades e os limites das formas de nossa linguagem.”

A introdução de uma preocupação com aspectos ligados à linguagem quando se trata de formas temporais coloca em questão uma das principais características desta pesquisa, a biografização pela via da narrativa de si. Segundo Delory-Momberger (2016, p. 140, 141): “O narrativo, pelas suas características específicas, é a forma de discurso que mantém a relação mais direta com a dimensão temporal da experiência e do agir humano.” Aquilo que foi narrado durante as entrevistas desta pesquisa pode ser inscrito em, pelo menos, três dimensões temporais diferentes: em primeiro lugar o tempo da ação em que se deu o fato, ou seja, o tempo do caso citado, a época do acontecimento; em segundo lugar o tempo da construção narrativa, o momento em que se contou o fato, isso se refere ao momento da realização da entrevista; em terceiro lugar, o tempo da escrita desta tese, em que as temporalidades anteriores são condensadas numa nova narrativa, dessa vez escrita. Essa análise só é possível de modo direto naquilo que é constatado no “agora”, sem levar em consideração as temporalidades dos futuros leitores, pois dessa forma as temporalidades seriam incontáveis.

Essa miríade de tempos possíveis coexistindo e habitando o presente pode ser constatado em situações com indivíduos que buscam equilíbrio temporal em atividades que contrabalançam diferentes temporalidades, em estabelecimentos comerciais que vendem produtos, serviços e experiências temporais específicas. Turin (2018), de acordo com Sharma

(2014), aponta que: “Em um mesmo ‘fato’ social, como aulas de ioga para executivos ou restaurantes de *slow food*, encontram-se diferentes temporalidades, coexistindo de forma tensa e assimétrica, não sendo possível tomá-las como signos estáveis de algum ‘tempo contemporâneo’” (SHARMA, 2014 apud TURIN, 2018, p. 32). Indivíduos induzidos à aceleração, num contexto de aceleração social, buscam refúgio em atividades que configurem certa desaceleração, vendida como produto. Ou seja, diferentes tempos coexistindo numa mesma noção de contemporâneo.

Essas camadas temporais que habitam nosso contemporâneo são perceptíveis nas fontes orais desta pesquisa e indicam possibilidades de compreensão na tessitura de diferentes sentidos numa mesma lógica narrativa. Para Turin: “Uma saída possível (para pensar essa miríade de tempos no presente) é pensar a contemporaneidade como uma *cotemporalidade*, isto é, como uma ‘concordância de tempos múltiplos’, marcada por uma ‘multiplicidade não resolvida’.” (RUFFEL, 2016 apud TURIN, 2019, p. 11. Grifo meu). Cotemporalidade é o termo que designa essa concordância de múltiplos tempos, ou seja, as diversas camadas temporais que coexistem. É essa compreensão que permite lançar luz sobre determinados aspectos nas representações das professoras Mariana e Fabiolla, em narrativas de lembranças relacionadas às suas vidas, representadas com prazer e desprazer de forma contígua, quase ao mesmo tempo.

“Eu não faria outra coisa, apesar de tudo!”

A percepção de cotemporalidade em determinadas partes das narrativas de memórias das professoras entrevistadas não aconteceu no momento da entrevista. Ao longo do processo de decantação das fontes orais (SCHERER JR., 2023) essa configuração narrativa foi tomando destaque e ganhando proeminência para compreender essa forma de biografar-se. Para Delory-Momberger (2016, p. 139. Grifo da autora):

Cada momento, cada espaço em que vivemos, nós os transformamos no momento e no lugar de uma história singular que é a *nossa* história: na realidade, estamos constantemente nos *biografando*, isto é, inscrevendo nossa experiência nos esquemas temporais orientados que organizam mentalmente nossos gestos, nossos comportamentos, nossas ações de acordo com uma lógica de *configuração narrativa*.

A cotemporalidade de prazer/desprazer nas narrativas de ambas as professoras pareceu ser representativa. A noção de formas temporais, e, mais especificamente, cotemporalidade,

deu suporte para perceber, analisar e interpretar essa biografização presente nas representações narrativas das duas professoras quando se referiram a determinados aspectos de suas vidas. Essa percepção cotelporal de prazer/desprazer ficava mais aparente em questões mais diretas, ligadas a satisfação ou não de suas escolhas profissionais. Ao ser questionada se era feliz sendo professora de História, Mariana respondeu de imediato e sem pestanejar:

Completamente, eu não faria outra coisa, apesar de tudo! Apesar que tem dia que você entra na sala de aula e quer pegar a bolsa e sair da escola sem olhar pra ninguém e só ir embora. Já falei isso pros alunos: “Gente! Vou pegar a minha bolsa e vou embora, não volto mais aqui. (risos)” (Profª. Mariana, entrevista, 2021, p. 18, 19. Grifo meu).

Não havia dúvidas, mesmo “apesar de tudo”. É essa oposição contrariante na frase: “apesar”, que intriga, pois existe um “tudo” que levaria ela a não ser professora de História, a desistir, ou seja, parece evidente uma ampla gama de razões para não ter prazer com aquilo que faz. Mas contrariando esse “tudo” ambas as professoras entrevistadas denotaram satisfação com sua atuação profissional como professoras de História.

A professora Fabiolla, ao ser interrogada sobre sua felicidade em ser professora de História, respondeu: “*Sou. Por incrível que pareça!* Às vezes, eu falo e parece muita desgraça, todo mundo diz assim: ‘Meu deus, mas parece uma desgraça!’ Não é uma desgraça, eu choro, eu me desespero, mas eu sou (feliz). Eu gosto muito do cotidiano da escola e lidar com os alunos.” (Profª. Fabiolla, entrevista, 2021, p. 37. Grifo meu). Se para Mariana havia um “apesar de tudo”, para Fabiolla era incrível ela parecer ser feliz sendo uma “desgraça” sua vida de professora de História.

Foram afirmações coma essa da professora Fabiolla e da professora Mariana que me despertaram a atenção para esse fato, posteriormente compreendido como cotelporalidade, em suas representações sobre suas profissões. Num mesmo tempo havia compreensões antagônicas de prazer e deprazer. Elas expressavam satisfação com seu trabalho, mas também apresentavam situações ou compreensões que poderiam indicar o contrário. Elas constroem suas memórias numa temporalidade aparentemente única, mas habitando em tempos diferentes, uma cotelporalidade de prazer e deprazer nas representações sobre seu trabalho.

Às vezes, a configuração da narrativa intercala satisfação e descontentamento numa mesma lógica, uma “montanha-russa” de prazer e deprazer, mas que por fim, deixa em

evidência o sentido principal dessa representação, para não haver dúvidas.

O que me toma mais tempo e que é mais trabalhoso é o trabalho na escola, mas eu gosto de trabalhar com os alunos, gosto de pensar o que tenho de fazer, ou, às vezes, não dá pra pensar, eu gosto de chegar na sala e inventar as coisas, não importa, entende? Porque a gente faz isso, na hora ali, gosto de inventar e de estar com eles, eu brigo horrores, me incomodo horrores, estresso a minha mente, eu sou uma pessoa estressada, mas *eu gosto, eu acho que não conseguiria não fazer isso*. (Prof^a. Fabiolla, entrevista, 2021, p. 35. Grifo meu).

Essa dificuldade de não conseguir se imaginar não fazendo “isso” foi evidenciada pela professora Fabiolla em outras partes da entrevista. O ambiente escolar é parte de sua vida. Ela apresenta isso em afirmações como esta: “Eu tenho dificuldade em me afastar de curso, de escola, de ambiente educacional.” (Prof^a. Fabiolla, entrevista, 2021, p. 12). Para ela, estar num ambiente educacional foi uma constante por quase toda a sua existência. Mesmo em suas atividades de lazer a escola é presente, a professora Fabiolla sempre está dentro de uma escola, mesmo que seja de samba.

A professora Mariana também deixou evidente o quanto gostava de seu trabalho como professora de História, e assim como Fabiolla, deixou aparente a cotemporalidade prazer/desprazer nas suas biografizações narrativas.

Eu gosto muito do que eu faço. Eu gosto! É claro que eu já passei por momentos muito difíceis em sala de aula, apavorantes, que se eu contar... tipo se eu for numa turma de graduação de História e contar as coisas ruins que já aconteceram comigo, quem queria ser professor vai desistir, só de ouvir as coisas que já aconteceram comigo em sala de aula. (Prof^a. Mariana, entrevista, 2021, p. 19).

Mariana enfatiza seu prazer em trabalhar como professora de História, mas logo em seguida aponta para momentos difíceis em sala: “apavorantes”. Diante de uma afirmação dessas, meu ímpeto foi solicitar que ela contasse uma dessas “coisas ruins” que experienciou, uma marcante. Foi assim que ela contou a história do aluno chamado Renato⁵.

Eu trabalhei numa escola em 2013, lá no bairro João Paulo, prefeitura (Florianópolis), [...] eram umas turmas bem difíceis de comportamento, bem difíceis, difícil mesmo sabe, algumas menos outras mais. Eu tinha uma turma de sétima série que tinha um aluno chamado Renato, tenho medo desse nome (tom de brincadeira), ele era bem difícil, era um aluno que incomodava, falava palavrão, ele agredia os outros colegas, um aluno que eu

5 Nome fictício.

tentei de tudo com ele, [...]. (Prof^a. Mariana, entrevista, 2021, p. 19).

Mariana contou de um dia específico em que Renato estava mais agitado do que o normal, que não estava fazendo a atividade avaliativa e ainda ficava incomodando os demais colegas que queriam fazer. Segundo a professora, num determinado momento, ele focou seus ataques numa estudante da sala com diagnóstico de autismo, uma condição leve de autismo, que mesmo sem a professora auxiliar que havia faltado, não necessitava de muitos cuidados. De repente Renato começou a gritar que odiava a escola e que não aguentava a menina autista olhando para ele, começou a ir em todas as carteiras batendo e incomodando os colegas, e partiu para cima da menina para agredi-la. A professora Mariana conta que a menina era pequena e frágil, e que teve que intervir. Foi então que Renato teve o que Mariana descreveu como um surto.

Sabe como é que ele foi contido? Com a polícia militar. Ele tinha 12 anos. Acabou aquilo e meu coração foi a mil, tentei acalmar a turma pra gente terminar alguma coisa e me entregar, aí fui para outra sala, eu estava uma pilha de nervos, [...] dali a pouco veio o sargento me chamar, o policial me chamar, me chamou e me levou na direção. O Renato estava no meio, a polícia em volta pedindo pra ele me pedir desculpa, que ele não ia mais fazer isso, eram os policiais da ronda escolar que a polícia militar faz, e aí ele fez isso (pediu desculpas), mas com um olhar de quem queria me tirar e vida sabe. (Prof^a. Mariana, entrevista, 2021, p. 20).

Mas essa história não havia acabado ainda.

Depois de alguns dias que isso aconteceu, eu estava entrando na sala, era recreio e estava retornando, e ele (Renato) ficou em pé na porta na minha frente esperando os outros colegas entrarem, eu falei: “Renato tu não vais entrar?” Ele falou: “Estou te esperando entrar.” Eu fui muito rápida de ver, ele achou que eu não tinha visto, ele estava com uma pedra enorme na mão. Isso me marcou muito, ele queria me bater, foi bem difícil sabe, foi uma das coisas mais complicadas que eu passei, é claro que eu já tive questões com alunos assim, questões de violência, várias vezes, eu nem gosto de contar isso pra colegas que ficam com mais receios. [...] Assim, a história de vida dele (Renato) é bem complicada, a mãe dele é dependente química, esses alunos que são filhos de mães dependente química é muito comum esses processos de violência, essa coisa inquieta, essa ansiedade, é muito difícil, é muito difícil. (Prof^a. Mariana, entrevista, 2021, p. 20).

Histórias como a de Renato são marcantes. Muitos professores devem compartilhar experiências semelhantes. Mas, assim como esses alunos desafiadores colocam em evidência as dificuldades enfrentadas nas relações com os estudantes, essa mesma relação pode ser

aquilo que dá sentido à profissão, aquilo que motiva o trabalho, por mais difícil que possa parecer. Se alguns estudantes tornam o trabalho mais difícil, às vezes, esses mesmos fornecem as alegrias da profissão. Ao ser questionada sobre sua maior alegria em relação à carreira nesses 10 anos, Fabiolla respondeu de imediato: “Olha, é o convívio com esses ‘capirotinhos’ (risos). Porque, gente, assim, eu sofro, acho que todo professor sofre, mas eu me divirto assim ó, e eles trazem uma felicidade, um aprendizado que nada mais traz na tua vida, é impressionante.” (Profª. Fabiolla, entrevista, 2021, p. 55).

A própria relação com os estudantes é permeada pela compreensão da cotemporalidade prazer/desprazer, pois, as interações em sala de aula são apropriadas e representadas de forma contígua enquanto desprazeres, que podem chegar ao ponto de uma agressão física e, também, podem ser a maior alegria de um professor, como apontado por Fabiolla. Inclusive essa constatação referente ao lugar ocupado pelos alunos nas representações das professoras entrevistadas mereceu aprofundamentos trabalhados no capítulo seguinte, em situações de entrecruzamento temporal com ex-alunos e os sentidos atribuídos a esses momentos.

Essas narrativas de prazer e desprezo das professoras Mariana e Fabiolla evidenciam aspectos de suas vidas ligadas à sua profissão de professoras de História representativos de suas biografizações. Essas memórias, construídas narrativamente no momento da entrevista fazem parte de um trabalho hermenêutico realizado por ambas, ou seja, elas rememoram, interpretam e oralizam, com palavras, as situações experienciadas e tidas como relevantes para aquele momento. Delory-Momberger intenta algum grau de compreensão dessa relação entre a ação narrada e a própria ação de narrar com base na dupla afirmação de Jean-Michel Baudoin (2010):

“O texto é a ação, o texto não é a ação”. O relato é ação, esclarece ele, na medida em que é uma atividade de linguagem, mas o relato não é a ação na medida em que o enredamento, escolhas narrativas (velocidade do relato, forma de presença do narrador, postura enunciativa, etc.), mediante modalizações e formas de valorização. Em razão disso, o relato não pode pretender restituir nem a totalidade, nem a fatualidade da ação. Toda a questão consiste então em pôr em relação “o texto como ação” com “a ação como texto”, isto é, a experiência que o texto dá a conhecer. [...] Mas, na medida em que não é redutível às ações que evoca, o relato convida a observar o trabalho hermenêutico realizado pelo sujeito na configuração, interpretação e avaliação de sua própria ação. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 530).

Pensar nisso, no trabalho hermenêutico feito pelas professoras de evidenciar o que

chamei de cotemporalidade prazer/desprazer, possibilita analisar e considerar os porquês dessa configuração narrativa. As formas como as professoras apropriaram suas experiências de trabalho ao longo de suas atuações como professoras de História como apresentado até o momento, talvez, possam ser compreendidos como um relato que “não é somente o produto de um ‘ato de contar’, ele tem também o poder de *produzir efeitos* sobre aquilo que relata.” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 529. Grifo da autora). Qual seria o efeito produzido sobre a cotemporalidade prazer/desprazer? Um último exemplo pode ser esclarecedor. As próximas citações fazem parte de uma sequência, em que a primeira resposta é dada mediante uma pergunta sobre o futuro da profissão e a resposta seguinte sobre o significado de ser professora de História.

Olha, o meu horizonte é..., o meu foco sempre foi me efetivar de alguma maneira, em algum município, no Estado, de qualquer maneira, mas até hoje não aconteceu, isso dá uma certa desesperança na verdade. [...]. Por mais que eu não tenha perspectiva de passar num concurso, porque já passou dez anos sem conseguir passar, *sou uma completa apaixonada pelo que eu faço*. (Prof^a. Mariana, entrevista, 2021, p. 17, 18. Grifo meu).

A cotemporalidade prazer/desprazer parece ter um efeito justificativo. É como se, de antemão, as professoras já levantassem argumentos que justifiquem suas escolhas ao mesmo tempo em que denotam seu prazer no fazer profissional, assim como relatam as agruras do cotidiano. Parece ser uma antecipação de possíveis julgamentos sobre a profissão de professora de História. A citação seguinte evidencia esse aspecto ligado a percepção externa que a profissão pode carregar, ela foi tecida em resposta a questão sobre possíveis mudanças que Mariana gostaria de ver na profissão.

Com certeza eu mudaria a questão do respeito que a gente não tem né, é muito difícil conseguir construir esse respeito social que não existe, de verem a gente até como inimigo, de professor que doutrina, que vai mudar a cabeça dos nossos alunos, essa imagem muito pesada que a gente carrega. (Prof^a. Mariana, entrevista, 2021, p. 21).

A especificidade com relação à História, pode estar na questão da criticidade construída no processo de formação acadêmica. Isso significaria que as professoras, ao problematizar seus trabalhos, constroem diferentes relatos com argumentações de prazer/desprazer, como uma defesa de um provável julgamento interno e externo com o trabalho de professora de História escolhido por elas.

Referências

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**. v. 17, n. 51, set.-dez. p. 523-536. 2012.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**. Salvador, v. 01, n. 01, jan./abr. p. 133-147. 2016.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História**. São Paulo, n.14, fev./1997a, p. 7-24.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**. São Paulo, n.15, abr./1997b, p. 13-49.
- ROSA, Hartmut. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- SCHERER JR., Claudio R. A. **Temporalidades nas memórias de professoras de História: narrativas da vida profissional**. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2023.
- TURIN, Rodrigo. **Tempos precários: aceleração, historicidade e semântica neoliberal**. Copenhagen; Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2019.
- TURIN, Rodrigo. Aceleração histórica e crise das humanidades. In: DINIZ, Júlio Cesar Valladão; SHØLLHAMMER, Karl Erik (orgs.). **Humanidades em questão: abordagens e discussões**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, p. 27-47, 2018.
- TURIN, Rodrigo. As (des)classificações do tempo: linguagens teóricas, historiografia e normatividade. **Topoi**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, jul./dez, p. 586-601, 2016.

Entrevistas:

- Professora de História Mariana Ouriques**. Entrevista concedida ao autor. Florianópolis, 2021. 35 p.
- Professora de História Fabiolla Falconi Vieira**. Entrevista concedida ao autor. Florianópolis, 2021. 68 p.